COMANDOS

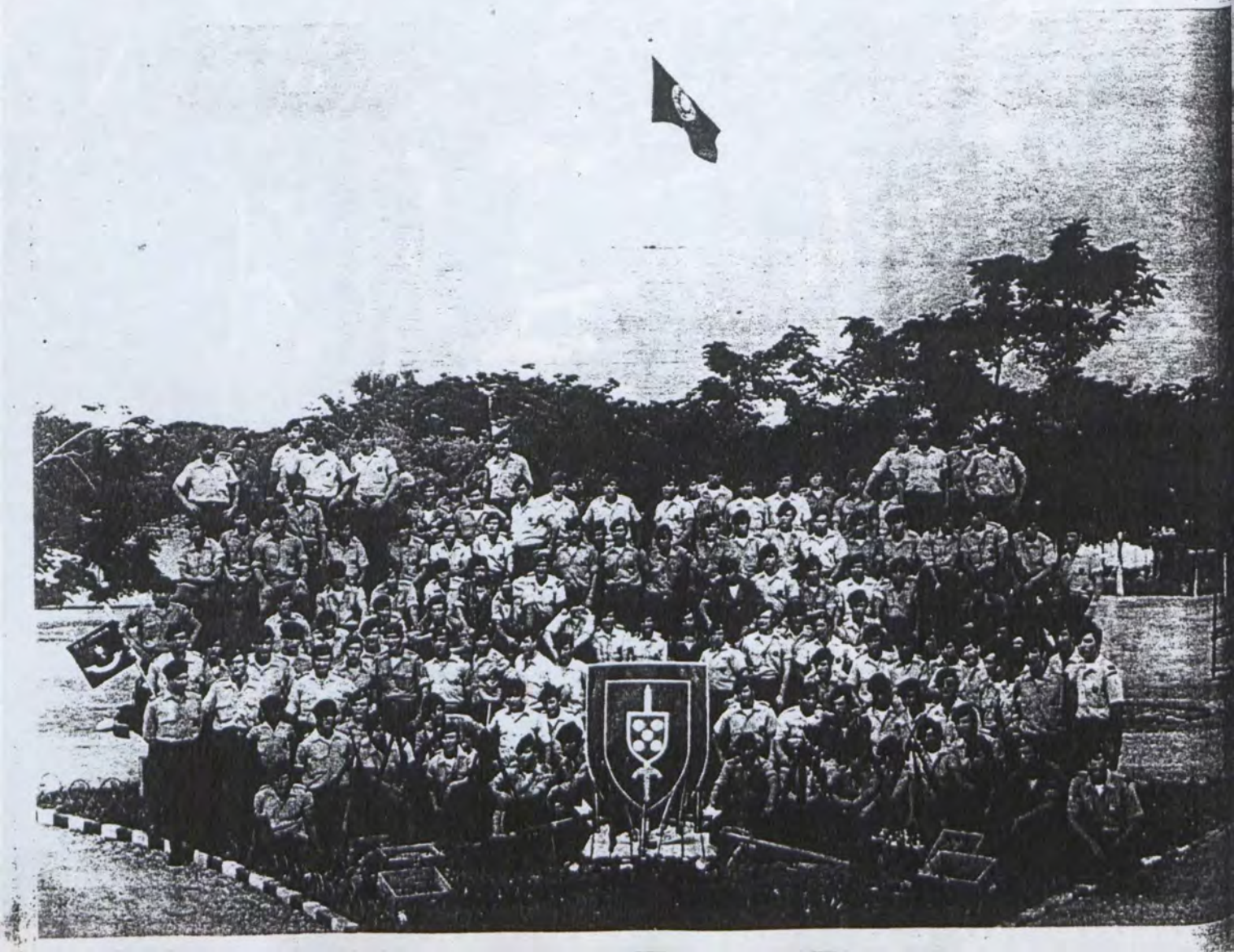
Director: COMANDANTE DO C.I.C. (Coronel de Inf.ª «COMANDO») — ANO I — JULHO 1973 — N.º 4

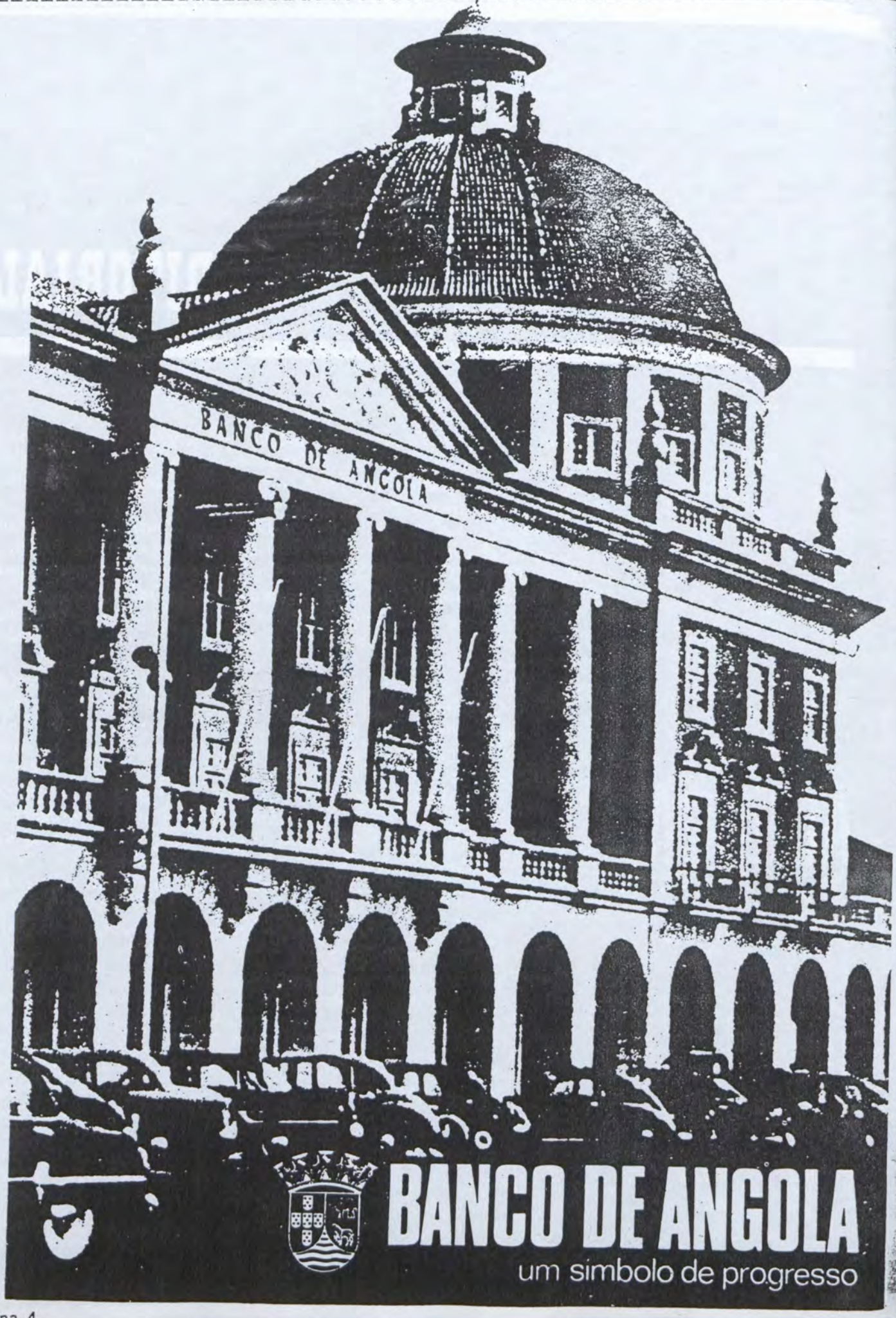
TEMPO DE SAUDADE

Não acontece, propositadamente, a repetição da publicação de uma fotografia da 12.ª C. C. Simplesmente o arquivo fotográfico do Centro está vazio de «antiguidades». Naturalmente nunca se previu a publicação de um jornal da Unidade.

Tendo contrariado a rotina dos acontecimentos, eis-nos perante a dificuldade de trazer a esta página motivos antigos fixados para a posteridade para gáudio dos que se encontram na disponibilidade.

Está pois, lançado o pedido para que todos nos enviem fotografias antigas a fim de lhes darmos a publicidade devida. Entretanto, renovamos um MAMA-SUMÉ bem forte, nesta página de saudade, a todos os que nesta imagem aparecem.




BANCO DE ANGOLA
BANCO DE ANGOLA
um simbolo de progresso

HÁ!

AH! não...

O facto de ser mulher não me faz ignorar a diferença da Paz e a Guerra do Homem e do Militar.

Esta manifestação constatada fortemente no decorrer da minha infância, adolescência e idade adulta, surgiu — creio — quando em plena Parada do GACA — 2 ou RI — 2, na sempre cidade florida (Abrantes) uma petiz entrava, sem se aperceber na metamorfose da vida, ávida de entender o que fazia correr os homens que saltavam sobre as baionetas.

É uma espécie de corrente (corrente dourada porque o amarelo traduz geralmente a cor do máximo, do mínimo que se deseja no máximo da vida) cuja procedência desconhecida tento desvendar.

As lembranças vincadas no vago dos anos tornam deliciosos estes meses arrancados, perdidos, dissipados e vividos.

Serenidade fria da pedra mármore, tampo bonito de mesa;
Alcatifa macia e azul — cor de paz — para falarmos de guardas, vigilias, sobrevivência, capim, homens de verde — com ou sem tons de amarelo nos ombros — das longas noiites debruçados sobre asestrelas.
Do silêncio...
Das chanas e das matas...
Dos trilhos, pó, calor e frio!
De desânimo, cansaço, dôr...
Das vitórias e das lágrimas!
Da esperança e da raiva...
Do sossego e da luta.

Ferimentos na carne. Camisas aos pedaços, mãos trémulas e nervosas. Sangue chocante. Homens, ausentes, estátuas, concentrados, quietos, atraindo na escuridão a voz das palavras mudas com trajectórias de fogo. Corações tambores no batuque rubro das cidades apagadas.

Segredos que tu sabes...
Olhos bem abertos!
Ouvidos bem à escuta!
Boca bem fechada!
Pés bem leves!
Mãos bem firmes!

Hoje talvez eu te tenha dado um bocado de beleza, amanhã dar-te-ei bocados de vida em encontrosde páginas silenciosas e frias dum jornal de gente quente.

Fim de contacto, positivo, Mérito teu que não esqueceste — nem esquecerás — primeiras palavras que ouviste no «C. I. C.»

BENVINDOS SEJAS AO CENTRO DE INSTRUÇÃO DE COMANDOS

A partir daí foi um mundo dos Diferentes que tu absorveste, maravilhoso e difícil tal e qual como aquela fabulosa marcha de regresso na estrada negra e quente a caminho da casa do can-

Ah!... Talvez tu não soubesses como eu vi a tua sede no ÚCUA.

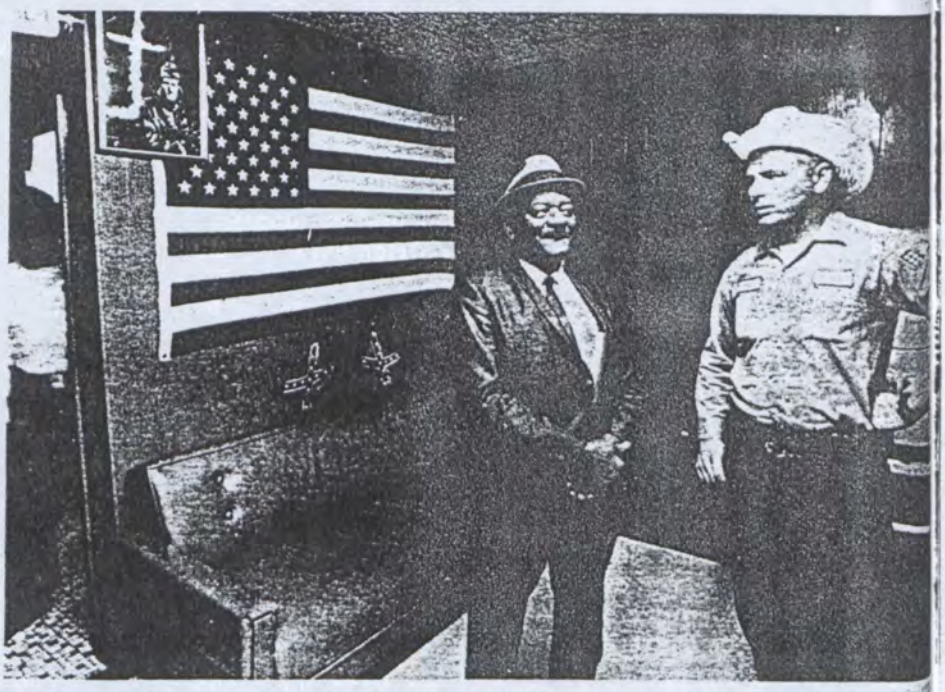
AH!...

MARIA

P. S. — Depois conto-te

K·K·K

Entre as sociedades secretas mais famosas do mundo destaca-se a Ku-Klux-Klan, dos Estados Unidos. Ela floresceu no Sul do país durante cerca de um século. Está agora em crise, mas ainda procurando reagir às mudanças que se operam na sociedade norte-americana. Baluarte dos brancos ressentidos com a abolição da escravatura, durante o governo de Abraham Lincoln — que por isso mesmo acabou assassinado — a Ku-Klux-Klan lutou quanto pôde contra a integração racial. Agora, um famoso repórter, Ron Laytner, conseguiu ser acolhido no seio dela, visitando um de seus quartéis-generais, o de Houston, no Texas. É que a Ku-Klux-Klan está preocupada em mudar a sua imagem e em se internacionalizar, para combater o comunismo.



Este negro não se assustou quando entrou no reservado do posto de gasolina de John Grin (de chapéu de palha) e lá encontrou insígnias da KKK em ostensiva exibição.

A família de John Grindle, de armas nas mãos, para combater o comunismo, como ardorosos membros da velha Ku-Klux-Klan.

As três horas da manhã, três homens chegaram ao hotel onde eu me hospedara, em Houston, Texas. Iam me buscar para me levar ao quartel-general da Ku-Klux-Klan, uma das mais famosas associações secretas dos Estados Unidos. Antes, pararam o carro num terreno baldio e colocaram uma venda nos meus olhos, para que eu não soubesse para onde ia. Pelo rádio, eles se comunicaram com seus companheiros, que nos seguiam, como escolta, em dois outros carros. Deram-me também instruções. Eu não devia falar com qualquer das pessoas que iria fotografar. Era preciso que obedecesse rigorosamente a essas ordens e não fizesse ninguém ficar nervoso, ou irritado. Depois de algum tempo, o carro em que eu viajava parou. O poderoso jato de luz de uma lanterna elétrica se concentrou em meu rosto. Um oficial da polícia da cidade de Houston removeu a venda de meus olhos. Silenciosamente, ele me revistou, para ver se eu não dissimulara nas roupas algum aparelho de gravação do tipo usado pelo FBI. Foi o mais assustador policial que já vi nos Estados Unidos. Sobre a face e a cabeça tinha uma máscara e o capuz com que a KKK costuma infundir terror, ao promover e executar linchamentos, incêndios e assassinatos de negros, prática iniciada desde a guerra civil norte-americana. Esquecera-se, porém, de ocultar o seu escudo de policial e, também, de disfarçar os números de seu carro, pertencente à radiopatrulha da cidade de Houston. Minutos depois, juntou-se a ele um membro anônimo do Departamento

A Ku-Klux-Klan, a mais famosa organização racista dos Estados Unidos, resolveu agora dedicar-se também com todas as armas a combater o comunismo

de Polícia de Galveston, também membro da Ku-Klux-Klan. Esse encontro fora por mim conseguido depois de duas semanas de esforços. Foi através de elementos da própria polícia que acabei conseguindo contato com a poderosa organização secreta terrorista, que é uma das vergonhas do Sul dos Estados Unidos. Para isso tive de usar de artifícios. Fiz-lhes uma oferta tentadora. Disse-lhes que a KKK devia ter uma mensagem a transmitir ao mundo. E que eu a transmitiria, se quisessem, por uma vez, quebrar o sigilo que envolve a KKK. Avisaram-me, porém, que os policiais ficariam "muito indóceis" se de qualquer forma fossem identificados.

A mensagem da KKK consistiu na admissão de que a organização secreta se considerava derrotada na sua luta contra a integração racial e a ampliação dos direitos dos negros, mas resolvera travar uma nova batalha, que garantiria a sua sobrevivência. Os novos líderes da KKK admitem que "os negros estão nos Estados Unidos para ficar" e, por isso, vão dar combate "a um novo e mais perigoso inimigo, o comunismo". Ao fim do meu difícil trabalho de catequese, conseguira, finalmente, entrar no mundo noturno e subterrâneo da KKK. Seus modernos adeptos incluem empregados no comércio, em construções, em oficinas mecânicas, em serviços públicos (como os policiais), etc. Durante o dia, são pessoas simples, normais, trabalhadoras. Mas, à noite, se transformam. Só falam em terrorismo, espionagem, contra-espionagem, infiltrações comunistas. Fundaram até um organismo, conhecido como KBI, ou Klan Bureau of Intelligence. Cada um deles se julga um James Bond.

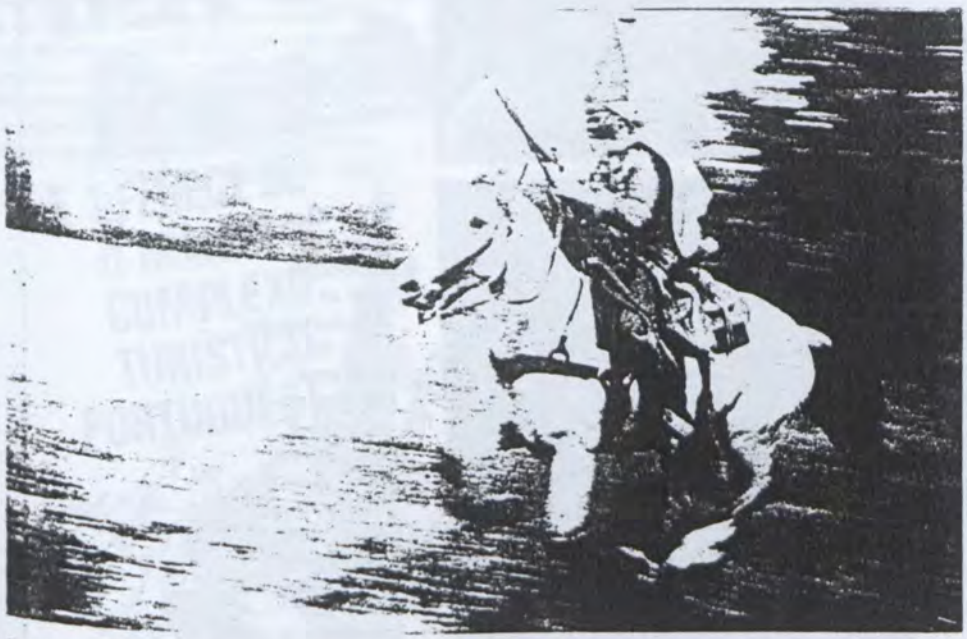
Os membros da KKK procuram se infiltrar em grupos como o EPSD (Estudantes Pró Sociedade Democrática) e nos Panteras Negras. Organizam esquadrões de carros com rádios e homens armados, para seguir pessoas suspeitas de serem agentes comunistas e, se necessário, violam dormitórios para colocar sistemas de escuta, com microfones cuidadosamente dissimulados. Um dos meus contatos com a KKK em Houston foi um veterano do Vietnã conhecido por seus inimigos como **The Mad Bomber** (O Bombardeiro Louco).

"HÁ ORGANIZAÇÕES DIREITISTAS QUE NÃO VALEM GRANDE COISA"

Seu nome verdadeiro é Louis Beam Jr. e, na KKK, é considerado um "superpatriota" Vive num modesto apartamento no n.º 8.015 da Rua Spencer, com sua bela esposa de 18 anos, muito orgulhoso de suas condecorações, uma das quais a Cruz da Aviação. Nos primeiros anos, após seu regresso do teatro da guerra, recebeu muitas aclamações. Dirigiu ousado ataque a um grupo de manifestantes, contra a guerra, que empunhavam uma bandeira dos vietcongues. Tomou a bandeira e foi salvo pela Polícia de um massacre. Tem em casa um grande **poster** com o retrato do seu herói favorito, o Governador George Wallace, do Alabama, hoje paralítico em consequência de um atentado. E já foi acusado de ter atirado bombas numa estação de rádio liberal de Houston — a Pacifica. Não liga às acusações. O que lhe causava raiva era a ofensiva em favor da paz no Vietnã, para ele "obra de traidores"

PARA A GENTE DA KU-KLUX-KLAN, WALLACE É UM DEUS

Diz que tem sido "muito perseguido", acrescentando: "E não apenas eu, mas outros dos meus companheiros da KKK, tanto pelo governo federal, como pelo governo da cidade, a começar pelo Prefeito Welch, que, no entanto, tem um parente muito próximo filiado à KKK." Refere-se a torturas infligidas aos vietcongues, na guerra do Vietnã, mas sempre procurando minimizá-las: "Eram torturas, sim, mas de forma até certo ponto atenuada." Detesta muito particularmente a atriz Jane Fonda: "Para mim é o pior tipo de pessoa existente nos Estados Unidos. Devia ser processada por traição à pátria. Elogia muito George Wallace, mas declara



Cavaleiro mascarado em missão da KKK na zona rural do Texas, tal como nos tempos em que surgiu a sociedade secreta para combate aos negros, após a guerra civil.

que Martin Luther King não passava "de um instrumento nas mãos dos comunistas". Quanto a John Kennedy, declara que "seu assassinato foi um erro". Achava que ele e seu irmão Bob não eram nada do que se dizia, mas ainda assim fora contra o assassinato de ambos. Sobre as meninas negras mortas na explosão de uma igreja em Birmingham, no Alabama, declara: "Isso faz muito tempo que aconteceu. E, nessa época, eu nem pensava em entrar para a KKK. Mas acho que as pessoas que nela conheço não poderiam ter feito isso. Porque, além do mais, causou prejuízos à causa conservadora que é a nossa. Deve ter sido coisa dos comunistas, para atribuir à KKK e assim prejudicá-la..." Diz que não se arrepende de nenhum de seus atos, embora por causa deles tenha sido preso, processado e perseguido.

Outro elemento que me foi apresentado, John Grindle, de 30 anos, dono de um posto de gasolina, é protestante e ardoroso adepto da KKK. Anda com uma Bíblia numa das mãos e um rifle na outra.

Detesta as Nações Unidas, os movimentos pró-paz, os judeus e o comunismo.

E tem grande orgulho de sua condição de membro da KKK.

Grindle diz que pertence à KKK há longo tempo e que "esta é uma das coisas ainda permitidas aqui a um homem livre e cristão" (sic). Declara: "Faço minhas orações todas as noites antes de beijar os meus filhos." Diz que George Wallace "estaria agora na Presidência dos Estados Unidos, se não fosse a conspiração comunista". Está indignado com um jornal de Houston que disse que "a KKK deve ser extirpada do Texas como se extirpa um tumor maligno". E exclama: "Veja só que jornalista filho da...! Pois não é que comparou a KKK com um câncer?!"

Embora Beam e os Grindle declarem que não são contra os negros, o impresso fornecido aos que ingressam na KKK exige que eles sejam "pessoas brancas, batizadas, tementes a Deus, adeptos da religião cristã e empenhadas em manter a supremacia da raça branca e os princípios do puro americanismo", etc. Na sede da KKK, encontrei essas fórmulas, que guardei comigo. Sob a assinatura dos candidatos, ou melhor, do lugar em que estes devem assinar, lê-se isto: "Se você é um americano de pura raça branca — se você é contra a mistura racial inspirada pelo comunismo — se você é um verdadeiro patriota — inscreva-se já!"

É difícil, portanto, que os membros da KKK destruam a crença de que ela é uma organização estritamente racista e, por isso mesmo, capaz de cometer toda a espécie de crimes engendrados pelo fanatismo.

Não deixa de ser irônico o fato de que a KKK, famosa por perseguir os negros, viva agora se queixando de ser perseguida. Beam diz: "O FBI nos persegue muito mais do que aos comunistas, para os quais de preferência devia se voltar."

Diz que J. Edgard Hoover era um dos poucos que "tinham mais interesse em lutar contra os comunistas do que contra os próprios criminosos, pois não era contra a Máfia e tinha simpatias declaradas pelas direitas". Mas depois de ele ter desaparecido o FBI faz enorme pressão contra a KKK. Queixa-se: "Veja só: quando foi preso o Padre Berrigan, que queria sequestrar Henry Kissinger e dinamitar o ar condicionado do Capitólio, sua fiança foi arbitrada em 25 mil dólares. Mas aqui, quando um direitista é acusado de conspiração, a fiança é fixada em 100 mil dólares — e não baixam nem um centavo! É ou não é perseguição?"

Antes que eu deixe a sede da KKK, sou de novo vendado, para que não possa identificar o edifício, nem os arredores em que se encontra: dão-me um dilúvio de prospectos. E, antes de me deixarem no meu hotel, renovam as recomendações: "Apresente uma nova imagem da KKK, agora às vésperas de se tornar internacional para enfrentar a canalha comunista em todas as nações livres do mundo ocidental."

Carro da radiopatrulha de Houston que apanhou o repórter, com o motorista da Klan.

A Ku-Klux-Klan muito se preocupa com as exterioridades, a fim de criar uma imagem de mistério e terror, com capuzes que lembram os carrascos e a Inquisição. Mas Louis Beam se identifica e ousa exibir as suas armas.

Um policial de Galveston é membro da KKK do Texas, a mais poderosa do país.

AGÊNCIA DE VIAGENS

CAMPIÃO

Avenida dos Combatentes, 114

Telefone 23048 - LUANDA

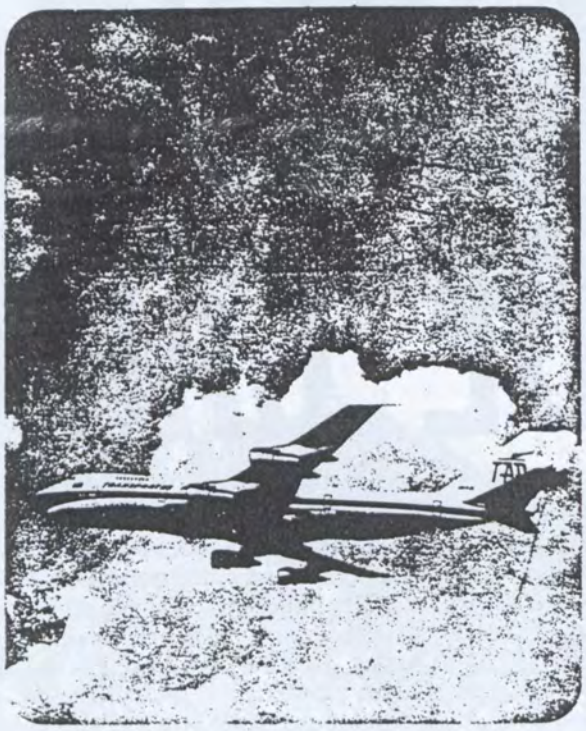


Foto Filme

Fotografia a cores
e a preto e branco

LABORATÓRIO ELECTRÓNICO
TOTALMENTE AUTOMÁTICO
o melhor do Estado de Angola

Caixa Postal, 2.146 – LUANDA

AUTOMOBILISMO — COLABORAÇÃO DE ARTUR PEREIRA

FOTOS DE

A PALAVR

CIRCUITO DE CARMONA

Carmona insiste em apresentar, como actractivo máximo dos seus festejos anuais, um Circuito Automóvel. Com isso lucram os automobilistas do Estado, que assim têm mais uma hipótese de dar azo ao seu gosto pelo volante, e lucram, também, as populações do Uíge, tão distituídas de divertimentos. Por força do automobilismo, e por entusiasmo do Motorige, um fim de semana diferente acontece uma vez por ano.

É fácil de ver (e Carmona foi um exemplo) que só o entusiasmo, e a vontade de fazer bem, chegam para que surja uma Organização perfeita. É preciso gente qualificada (conhecedora) e em quantidade. De qualquer modo a jornada foi positiva, se bem que o número de concorrentes não tenha sido elevado.

GRUPO 1 — CONSAGRADOS

Os consagrados permitiram a melhor corrida Grupo 1 desta época. Tivesse corrido Pêquêpê (a zer uma grande vitória, no mesmo dia, em Vila R e ainda poderiam ser mais emotivas as 25 voltas circuito de 2.770 metros.

Henrique Cardão reunia o maior favoritismo, a cipadamente. Depois dos treinos, e constantes os t pos, o favoritismo já não era assim tão grande... conseguira 2 décimos de segundo melhor que Mab (1m 32s 40) para (1m 32s 60) e o Comodore GS/E meçava a despertar as atenções quanto à «perform ce». Sim, porque quanto à estética e equilíbrio da

roçaria já há muito que atraíra a curiosidade de todos. O carro é realmente bonito e, pelos vistos, rápido...

Tão rápido que pouco tempo levou Cardão a comandar a prova. A acusar ligeira dificuldade de travagem o Camaro Z 28 deixou o Comodore entrar primeiro na curva que antecede a meta e passar a vitória a desenhar-se para o modelo da Opel.

O terceiro e quarto lugar pareciam entregues aos Capri 3000 GT de Tino Pereira e Hemâni Gomes. Apesar da proximidade dum grupo de mais dois carros (Opel Ascona 1900) eles iam andando convencidos dessas posições. Entre eles é que iriam fazer a sua corrida. Mas... O entusiasmo de Hemâni levou-o a bater numa placa (já famosa) e a despitar-se. Na sua poeira entrou o Capri de Tino e houve outro despiste!

Os Ascona (Opel) de Helder de Sousa e de Fernando Lamas tinham em consequência a subida de lugares. A compita para o terceiro e quarto era agora

deles. Helder chegou ao fim melhor classificado (terceiro). Para as «querrinhas» serem todas dois a dois, a Esperto cabia Emílio Marta. Ambos em Capri 2600 GT. Mas cedo Marta interrompeu a luta, travando mal e dependurando-se nos sacos.

A três voltas do fim Henrique Cardão ainda tentou «esquecer-se «que não tinha travões e aproximou-se de Mabeco. Mas a tentativa resultou infrutífera, o Opel Comodore GS/E (com o «pequeno» Mabeco) vencia a melhor corrida da época.

GRUPO 1 — INICIADOS

Menos boa que a corrida de consagrados foi a de Iniciados. Os Grupos 1 eram em maior número (factor interessante), mas o vencedor foi logo encontrado nas primeiras voltas. O Comodore GS/E, nesta corrida pilotado por Neca Couceiro, não fazia os mesmos tempos da prova de sábado, mas bastava para o Capri 3000 GT de Pamies Teixeira.

O Opel Ascona de Victor Martins e o Capri 2600 GT conservavam-se na mesma volta dos primeiros. O despiste (aparatoso) de Calabeto (Capri 2600 GT) deixava-lhes o terreno livre para um lugar no «pódium». Conseguiu-o Victor Martins, permitindo à Motorang (outra vez) ter dois carros nos primeiros lugares.

GRUPOS 2 A 5

Esta corrida mais pobre. Deu somente para apreciar os pilotos individualmente e nada mais. Permitiu observar Mabílio de Albuquerque perfeitamente adaptado a um Lola T 212 que trata por tu. No final da época Mabílio terá que encarar muito a sério a hipótese de adquirir um Lola mais moderno e mais potente.

Emílio Marta dentro do actual (normal) tipo de condução não pode evitar que Mabílio lhe ganhasse uma volta.

CIRCUITO DE CARMONA

Jorge Pêgo a conduzir em grupo 2 muito melhor do que nas épocas que fez em Grupo 1. Pena que o seu BMW, não terminasse a corrida.

Helder de Sousa esteve sempre muito sozinho com a saída de Jorge Pêgo e com as ídas às boxes de Raúl Esperto.

Esperto esteve sem brilho. Mesmo apagado (apático.

UUm outro carro compareceu à gelha de partida: o Lotus 62, de Valdemar Teixeira. Na primeira volta sofreu um curto-circuito, cometeu uma ilegalidade ao entrar pelo final das «boxes», e não lhe permitiram a reentrada na pista.

Como corolário de tudo isto a classificação aparece totalmente certa.

CASA AFRICANA

MERCEARIA, VINHOS E CEREAIS

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

REPRESENTAÇÕES

ESPECIALIDADE EM MERCEARIA FINA

A. J. Franca, Sucessores, Lda.

ARMAZÉNS DE MERCEARIA

Rua Direita de Luanda, 13-15-15 A
Rua Pereira Forjaz, 57 a 63

Caixa Postal, 369
Telef. 22299 — Teleg.: RUTRA

LUANDA

SOLAR DOS FADISTAS

RESTAURANTE TÍPICO

Fado em ambiente castiço

ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE

Estrada da Conduta (junto aos restaurantes "MÃE PRETA" e "ESCONDIDINHO".

A. PIMENTA, LIMITADA

GUIMARÃES — PORTUGAL

•

FÁBRICAS E ARMAZÉNS DE LANIFÍCIOS E FIBRAS ARTIFICIAIS

•

RUA DE PAIO GALVÃO

TELEF. P. P. C. 40181 - 40182 (2 LINHAS)

Apartado n.º 20

Telegramas JOVAZ

29 de Junho NOSSO D

Não foi sem brilhantismo que decorrerem as cerimónias comemorativas do «DIA DOS COMANDOS» que tiveram lugar no Centro no dia 29 de JUNHO.

Houve, desta feita, empenho especial em dar aos festejos, intra-muros embora, a dimensão e a grandiosidade que se impunham, pois, como disse posteriormente o 1.º Comandante do C. I. C., «pelo que fizemos até hoje, já temos o direito de exigir». E se não podemos exigir aquilo de que temos necessidade imediata, devemos pelo menos obrigar-nos a nós próprios a sairmos um pouco da modéstia e vivermos intensamente as comemorações que frizam a nossa existência e revivem os factos de guerra.

Para o grande dia foi tudo minuciosamente preparado. E se algo faltou — algo de muita importância — a culpa não se ficou a dever à organização, mas apenas ao aborrecido facto de não haverem, em Angola, Estandartes Nacionais, um dos quais, estaria previsto, seria entregue ao Centro de Instrução de Comandos por Sua Ex.ª o Governador-Geral de Angola. Contudo não foi a ausência desse grande momento que minimizou o cerimonial. E correu tudo pelo melhor.

Hasteou-se a Bandeira ao início da Cerimónia. Presentes além do pessoal do Centro e da Companhia de Instrução, todas as nossas Companhias que se encontravam no Grafanil. Presentes também, embora em espírito todas as Companhias em Zonas operacionais e todos aqueles que hoje trajando civilmente aqui deram o seu «quinhão». E que bons camaradas foram, pois, comportaram-«no» muito bem! Seguiu-se uma homenagem aos que, no campo da honra e em defesa da Pátria cairam por Angola e pelos Comandos. Em todos os rostos a dureza das lembranças amargas, em todos os espíritos um sentimento de respeito e abnegação. Depois o 1.º Comandante do C. I. C. leu um discurso que, com muito gosto, passamos a transcrever:

«Neste dia, 29 de Junho, em q momemoramos não só o Dia da U dade, mas também o Dia dos «C mandos», o meu primeiro pensame to e homenagem vai para tod AQUELES que pertencendo a es Centro e no cumprimento da s mais sagrada missão, deram a vi pelo seu ideal.

Perante a sua memória, curvo- com respeito. A sua saudade viv eternamente connosco na cert que o seu sacrifício não foi em v e para todo o sempre serão rec dados.

Curvo-me também com respeito perante todos os nossos que di nuídos fisicamente em Centros recuperação, ou camas hospitalar vivem na esperança de melhor dias, que todos nós de coração lh desejamos.

Eles serão sempre úteis à Pátr pela qual se sacrificaram, e da q têm direito ao maior dos reconhe mentos, já que o nosso, o dos «C mandos» lhe é inteiramente devido sentido.

A FOI GRANDE

Uma palavra também, esta de agradecimento a todos os Ex Comandos que hoje, aqui presentes quiseram tornar mais brilhante esta nossa Festa.

Para Eles vai o nosso reconhecimento pelo que fizeram e por aquilo que poderão fazer se tal for necessário.

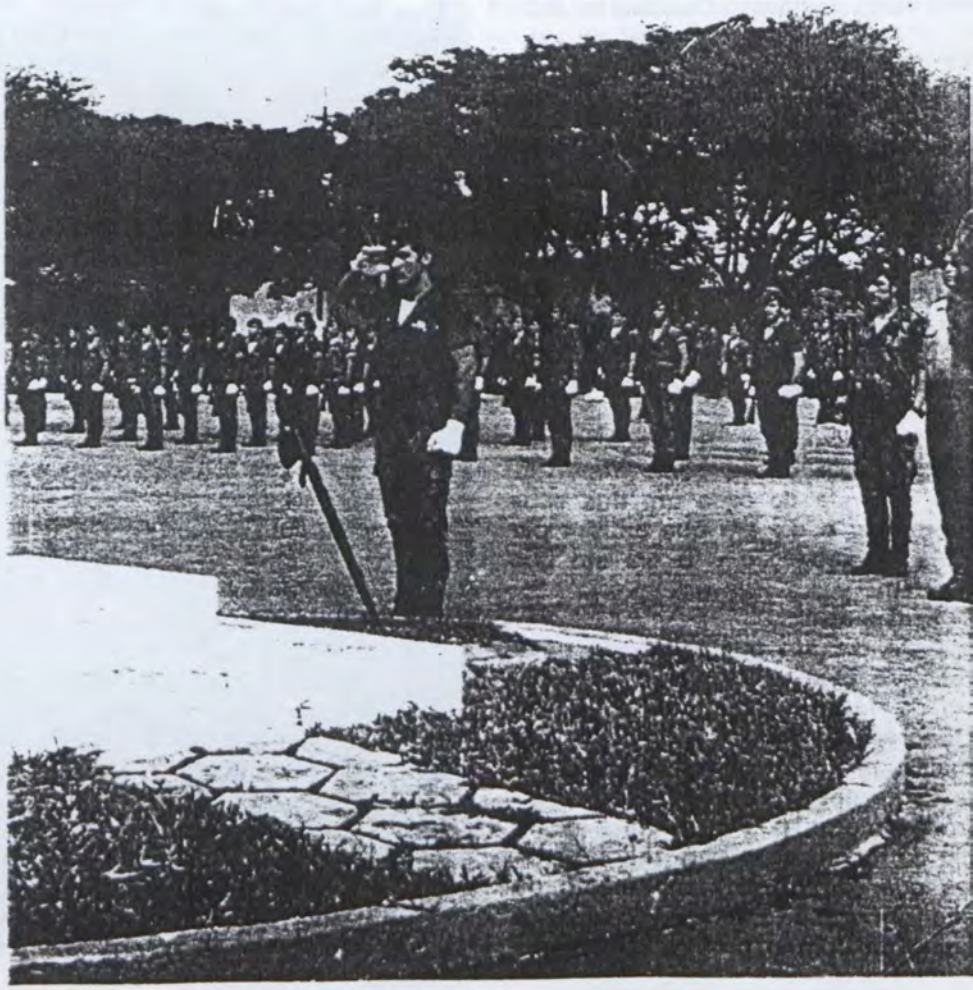
A sua presença aqui é um estímulo mudo para nós, e se o Centro de Instrução de Comandos vive hoje o seu Dia festivo, a Eles o devemos pela sua determinação exemplo e espírito de sacrifício.

Esta Casa tem sempre, mas sempre, as portas abertas para tudo o que de nós desejarem e podem contar com o reconhecimento de todos quantos aqui trabalham.

Aos actuais «COMANDOS» a todos aqueles a quem agora está confiada a difícil herança de continuar o prestígio que recebemos, só lhes quero lembrar que temos o dever moral, pelo nosso comportamento, quer na Paz, quer na Guerra, de sermos o exemplo vivo de quantos têm a honra de servir nas Forças Armada.

E para finalizar, uma chamada especial ao principal obreiro desta casa.

Ao Ten. «COMANDO» SANTOS E CASTRO, rendo as minhas homena-



NOSSO DIA FO

gens e garanto-lhe todas as minhas possibilidades na continuação da Obra que Ele, em boa hora começou.

Que Deus nos ajude a todos para continuarmos a cumprir o nosso dever».

Leu-se o Código Comando — fê-lo o Cap. Coutinho Ferreira — apenas para vincar uma obrigação quotidiana cujo adormecimento não é aconselhável. Desfilaram depois as forças em parada.

Após as cerimónias, houve missa em louvor dos que caíram e em favor dos que as continuam, pois, apesar da Sorte proteger os Audazes, é conveniente que Deus esteja com todos. Assistiram imensos militares conforme se pode verificar nas fotografias. Para além do cumprimento estritamente religioso, o Capelão que rezou a missa fez uma alocução que, por brilhante e eloquente, não dispensamos de a colocar aqui em letra de foma.

«Na companhia de Jesus comemoram duas datas, como importantes, na vida de cada um dos seus membros: o dia em que entram para a Congregação e o dia em que morrem.

E explicam:

— O dia em que entra um novo membro para a Companhia, é motivo de regozijo para todos, pois a Congregação passa a contar com mais um membro no seu activo

O dia em que qualquer dos confrades morre, pois a morte é o início da recompensa para todos aqueles que caíram no cumprimento da sua obrigação, que identificaram a sua vida com o próprio dever, que se imolaram a si próprio, no dia a dia, a dia, em benefício da Comunidade, que nunca se negaram a esforços, em prol da Humanidade.

Não é um homem que se perde, sim um testemunho que se dá.

CARÍSSIMOS COMANDOS:

Pela primeira vez sonelizastes, dum modo muito especial, o «Dia dos Comandos». E é curioso notar, que,grande parte do vosso programa de Festas da parte da manhã, é ocupado a homenagear os mortos, a chamá-los à presença dos vivos, como testemunho da fé inquebrantável que sempre tiveram na Pátria, da honra com que sempre a defenderam, não lhe recusando nenhum sacrifício, nem a própria vida.

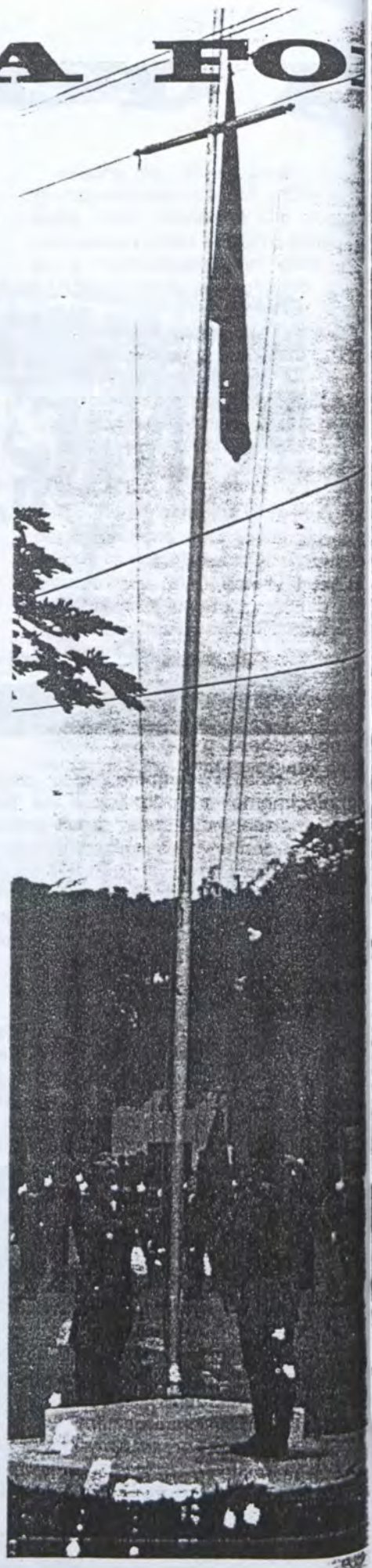
Só assim se compreende que homenagear os mortos não é chorá-los, mas orgulhar-mo-nos deles, recebermos o seu testemunho como lição perene.

E mais ainda: é um acto de justiça que prestamos a todos aqueles que podendo ser medíocres ou cobardes, entenderam escolher o caminho da Honra e da Glória, através do cumprimento ou dever e os sacrifícios da própria vida.

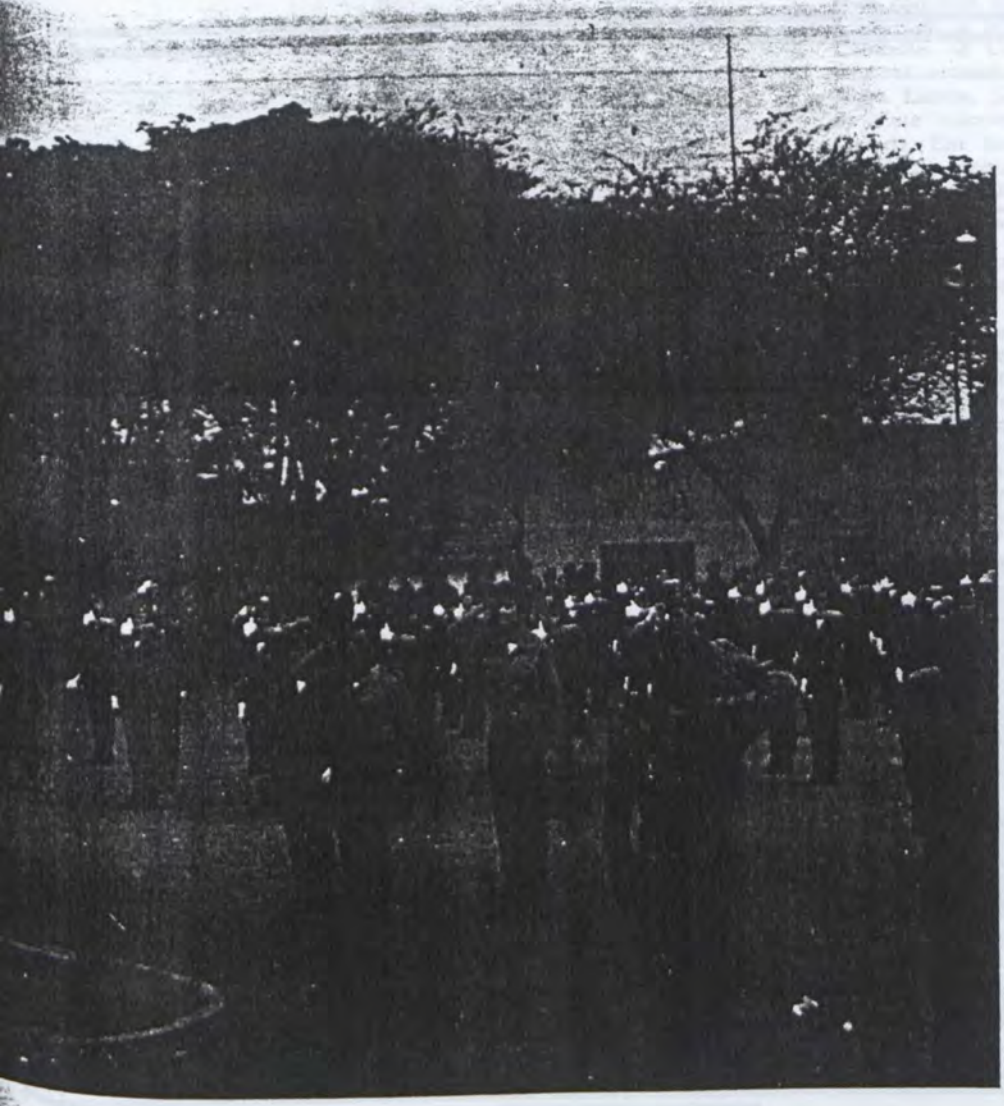
Este o sentido da vossa homenagem, como portugueses e como cristãos, que iniciastes junto da Bandeira Nacional e vindes completar aos pés do Altar do Senhor.

Homenagem da Pátria que não esquece os seus heróis, homenagem da Igreja que reza pelos seus filhos.

Conta-nos a Sagrada Escritura, no Livro dos Macabeus, que os solda-



GRANDE



dos, no fim do combate, fizeram uma colecta e ofereceram sacrifícios pelos seus mortos. Belo e religioso gesto inspirado no pensamento da ressurreição, comenta o autor, porque se eles, na verdade, não esperassem que os soldados caídos em combate, haviam de resuscitar, seria inútil e despropositado pedir pelos mortos; além disto consideravam que, uma alta recompensa está reservada aos que morrem piedosamente.

É esta a única razão de ser de nossa missão, neste momento. Ela não é, de modo nenhum, mais um número do vosso programa de festas. Mas tem um sentido bem mais profundo, de concentração, de chamada aos vossos sentimentos religiosos, quaisquer que eles sejam, para pedirdes a Deus, cada um a seu modo, pelos vossos colegas falecidos, fugindo assim ao desespero daqueles que não têm esperança, como diz S. Paulo.»

Houve depois um beberete a que estavam presentes alguns elementos na disponibilidade, mas em número reduzido pois o dia da semana e os empregos também contam. O melhor estaria reservado para a noite para o jantar de contraternização a que aludiremos noutro local, bem como ao jogo de futebol entre as equipas do Centro e das Companhias estacionadas no Grafanil.

Inserto no programa de festas estava um texto justificativo das realizações que dizia:

«São as canções que se perscrutam nos caminhos estreitos das florestas, num sonho fechado de vitória e vontade, que nos fazem crer que cumprimos bem a missão de fazer o inimigo engolir o fel dos risos falsos e morder o pó envolvente das bandeiras rotas, que cobrem o pretenso saber que julgam ter esses santos disfarçados. Comemoramos mais um ano de existência, aproveitando tal pretexto para pôr ao vento que não morremos anónimos e vivemos juntos, em punhado de homens, a velar pelos demais, pelo que as estrelas nos devem a sua resposta.

Objectivos alcançados, resultados contabilizados, não nos proclamam máquinas de guerra. Somos homens que conhecemos a dimensão do nosso valor e das nossas limitações, festejando por isso a condição humana que fez de nós, pela determinação, trigo maduro.

Muito obrigado a todos os que, connosco, vieram este aniversário de saudade e alegria.»

automóveis de aluguer

sem condutor

TELEFONES:
Largo D. Fernando, 1-2 ■ 22722/3-23312
Caixa Postal, 680 ■ LUANDA-Angola

CATONHO TONHO COMERCIAL, S.A.R.L.
ARMAZENISTAS
IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO

Completo sortido de mercadorias nacionais e estrangeiras

Caixa Postal, 119
Telefone 2 32 34
Telegramas:
CATONHOTONHO

Rua Direita de Luanda, 34-36
LUANDA-ANGOLA

1.º ENCONTRO DE COMANDOS

NÃO FOI APENAS UM JANTAR...

O COMANDO DO CENTRO E O RESPONSÁVEL PEL IDEIA DO JANTAR FORMAVAM COM ALGUN COMANDOS NA DISPONIBILIDADE A FRENTE D PRESIDÊNCIA

Contar histórias de guerra toda a «malta» conta. Lembra tempos de tropa, toda a gente recorda. Mas reunir os irmãc de armas num mesmo lugar, à mesma hora, ao mesmo vinho que já não é tão fácil assim. Eis porque damos grande impor tância ao 1.º Encontro de Comandos (no activo e na disponibili dade). A ideia ficou a dever-se ao CAP. Mourato Nunes, da Sec ção de Acção Psicológica que encontrou grande apoio no Co mando do Centro. Realizaram-se contactos com o pessoal n disponibilidade, lançaram-se ideias, enfim, provocou-se o inte resse daqueles que aos poucos se afastavam do espírito Comando Claro que a organização do jantar teria que pertencer a um Comissão de Comandos na disponibilidade. E porque não er possível estarem todos em Luanda, formaram-se Comissões er Nova Lisboa, Sá da Bandeira, Carmona e Malanje. O pessoc da Cela resolveu à última hora, fazer 400 kms e jantar er Luanda. Em todas aquelas cidades, ao que nos informaram o jornais, os jantares atingiram um brilho notável e àquelas cidade deslocaram-se Oficiais do CIC em representação do Comandante

Em Luanda, reuniram-se quase uma centena de pessoas qu devoraram um arroz de marisco e um coelho à caçador. Po sugestão do Exm.º Comandante, houve uma simpática apresen tação pessoal de cada confraternizante, dizendo o que tinha sid ou é ainda no CIC e o que faz na vida civil. Durou longo minutos e apresentação pois houve lugar para as indispensável laraxas costumeiras. Conversou-se muito, contaram-se histórias algumas do arco da velha. Depois, Telles Mendes, Furriel Mil. da AAcAção Psicológica fez uma pequena alocução lembrand aos presentes que ninguém estava ali apenas para jantar recordar. Mas um fiim superior imperava ao jantar: a manu tenção do espírito Comando que, face à actual situação polític ultramarina, deve ser criteriosamente mantido. não vá have azar!... O Exm.º Coronel Correia Dinis agradeceu a presenç

CONFRATERNIZAÇÃO FOI BEM O QUE HOUVE N JANTAR DE LUANDA, CONFORME DOCUMENTA FOTOGRAFIA

1.º ENCONTRO DE C

de todos e sublinhou vivamente que muito se honrava de voltar a Comandar o CIC e a pertencer à tropa por onde tantos bravos passaram já.

Noutros pontos de Angola, a confraternização repetia-se. Pena que não tenhamos fotografias de todos os jantares para publicar. Mas de uma forma geral foram todos os Comandos abrangidos pelo dizer comum que a todos fez recordar o encontro.

«Correram 12 anos desde que o Março do tempo fez sangrar o solo de Angola. Porque a guerra se gerou não por inclinação natural ou expressão de um desejo do inimigo, logo se lhe afigurou inútil, mau grado a sua paradoxal persistência.

Subiram um grau em técnica e apoio. E nascemos nós, «COMANDOS», para o levarmos de vencida, destruindo-lhe o elixir subtil e inverosímil com que embriagam os povos que, aliciados, amargam o acre da fome e da miséria e regressam procurando a verdade.

A nós, «COMANDOS» reunidos em comunidade de Homens, em rede de laços tal que, se um morre logo arranca qualquer coisa a todos os outros, cabe bem grande parte da responsabilidade de ter trazido e continuar a trazer ou punhais escondidos que atraiçoaram a terra e as rosas que se vergam ao Sol vertical que somos.

Eis-nos aqui em comunhão de repasto e recordação. Pela vez primeira, desde sempre. Em prova evidente de que esta forma diferente de estar no mundo prevalece para além das fileiras de guerra e nos une em toque de aniversário e não só, já que a Paz a procuramos até à eternidade, essa em que ingressam as coisas puras e acabadas que um dia seremos também.

Bem haja a fraternidade «COMANDO»!

E foi neste espírito de fraternidade que foi enviada a todos os elementos que usaram ou usam o crachat comando, a seguinte mensagem:

Encontro de Homens que em diferentes Companhias de Comandos tiveram sempre o mesmo alto ideal:

DEFENDER ANGOLA PARA ENGRANDECER PORTUGAL.

O Comandante do Centro saúda-vos e considera-se honrado em estar junto de vós.

E que a saudade dos tempos já passados, dos perigos repartidos e da camaradagem vivida, possa tornar mais firme ainda o elo de amizade que vos une e se prolonga até nós aos actuais «COMANDOS» que não pretendem mais do que, com a mesma fé, o mesmo entusiasmo e a mesma determinação, continuar o vosso exemplo prestigiando assim o Centro que a todos formou.

Mas neste dia de confraternização e de alegria, não esqueçamos porém AQUELES NOSSOS CAMARADAS que no cumprimento da sua missão tombaram no CAMPO DA HONRA e que vivem permanentemente na nossa saudade.

Para ELES vai toda a nossa gratidão, na certeza que o seu sacrifício não foi em vão pois que continuaremos JUNTOS, MAIS JUNTOS AINDA, na defesa intransigente da nossa JUSTIÇA.

Que Deus os tenha em GLÓRIA e seja para nós, «COMANDOS», protecção segura de todas as horas.

—— ❶ ——

O Dia dos Comandos foi assim assinalado pelo Jornal do Congo na sua edição de 5 de Julho de 1973, por Varela Soares que transcreveu o Editorial da N.º 3 de «Comandos».

MAMA-SUMÉ

Vinte e cinco homens vindos de vários pontos do Distrito reuniram-se para comemorar o seu dia.

Vinte e cinco «COMANDOS» na disponibilidade comemoraram o dia dos «Comandos».

Talvez por deformação educacional, temos um sentido forte de disciplina militar que dese muito novos nos foi metido no espírito nos bancos do Colégio Militar.

Talvez por isso, sentimos como ninguém a reunião dos Comandos na disponibilidade, por vermos que os homens que hoje têm o «camuflado em naftalinas não perderam um miligrama do seu «espírito de corpo».

EM CARMONA, A INICIATIVA FOI BEM APOIADA PELO CAP. ROSA DE OLIVEIRA

AS PRESENÇAS NO JANT

OMANDOS

Reunidos, estiveram empregados de Fazendas, Promotores de Vendas, empregados de balcão, agentes da D. G. S., oficiais da P. S. P. e a presidi-los um capitão na disponibilidade, hoje Inspector do D. G. S.

As palavras foram a proposta de continuidade na defesa da Pátria, as ilações que se tiram são as de que, sempre em qualquer lugar, em qualquer momento e qualquer circunstância os Comandos serão sempre Comandos.

Histórias contadas foram às dezenas, actos heróicos, brincadeiras, risos e lágrimas. Recordações de maus momentos e orgulho por aqueles que de armas na mão morreram pela Pátria.

«A forma mais bonita de gritar bem alto MAMA, o eco da resposta ainda hoje vibra na nossa cabeça ...

— S ... U ... M ... É

NÓS VOS SAUDAMOS, Jovens leões, nós saudamos porque é vosso o mundo de hoje e de amanhã.

MAMA
SUMÉ ...
MAMA
SUMÉ ...
MAMA
SUMÉ ...

VARELA SOARES

S COMANDOS

Por seu lado o Jornal «O PLANALTO» na sua edição de 30 de Junho de 1973 referiu-se assim ao facto:

O DIA DOS COMANDOS
NOVA LISBOA COMEMOROU CONDIGNAMENTE A DATA

Realizou-se ontem no Hotel Ruacaná o encontro dos Comandos (na disponibilidade) radicados em Nova Lisboa. Muito concorrido, mereceu a presença de um representante do Comandante do Centro de Instrução (Luanda), Capitão de Infantaria Ovídio Rodrigues, que aqui se deslocou propositadamente para o efeito.

A data — 29 de Junho — comemora essencialmente o Aniversário da Unidade, mas os Comandos (na disponibilidade) residentes nesta cidade aproveitaram a oportunidade para lançar a ideia de criar um Centro de Reunião e Convívio, que se dedicará, para além dos fins que o nome leva a depreender, à nobre e louvável missão de ajudar os camaradas que eventualmente estejam em situação difícil e carecidos de apoio.

Em nome do Comandante da Unidade usou da palavra o seu representante, Capitão de Infantaria Ovídio Rodrigues que, depois de saudar os seus antigos companheiros a quem dedicou palavras de muita estima e sabor patriótico, disse:

«O Comandante do Centro saúda-vos e considera-se honrado em estar junto de vós.

E que a saudade dos tempos já passados, dos perigos repartidos e da camaradagem vivida, possa tornar mais firme ainda o elo de amizade que vos une e se prolonga até nós aos actuais «COMANDOS» que não pretendem mais do que, com a mesma fé, o mesmo entusiasmo e a mesma determinação, continuar o vosso exemplo prestigiando assim o Centro que a todos formou.

Mas neste dia de confraternização e de alegria, não esqueçamos porém AQUELES NOSSOS CAMARADAS que no cumprimento da sua missão tombaram no CAMPO DA HONRA e que vivem permanentemente na nossa saudade.

Para ELES vai toda a nossa gratidão, na certeza que o seu sacrifício não foi em vão pois que continuaremos JUNTOS, MAIS JUNTOS AINDA, na defesa intransigente da nossa JUSTIÇA.

Que Deus os tenha em Glória e seja para nós, «COMANDOS», protecção segura de todas as horas».

Terminando, por suas palavras acrescentou: «Defender Angola para engrandecer Portugal é o título da mensagem do nosso Comandante. E por ele saber que o vosso contributo foi sempre do melhor quilate, abnegadamente, também me pediu que vos afirmasse a permanente disposição do Centro para tudo quanto vocês necessitarem, bem como os seus préstimos pessoais, os meus e os de todos quantos lá prestam serviço».

—●—

Este Jornal não pode deixar de manifestar, também, a maior admiração pelo carinho que o Capitão de Infantaria Ovídio Rodrigues dedicou a este I Encontro de Comandos na Disponibilidade, oferecendo o seu abraço aos camaradas de luntas, de todas as hierarquias, aqui reunidos para significarem patrioticamente o seu amor a Portugal, na defesa de Angola, para engrandecimento do país.

1.º ENCONTRO DE COMANDOS

29 DE JUNHO — NOVA LISBOA ASSINALOU CONDIGNAMENTE O DIA DA UNIDADE

O I Encontro de Comandos na Disponibilidade, em Nova Lisboa, aconteceu com o brilhantismo esperado. Cerca de meia centena de Comandos aqui reuniram, com a presença do Capitão Ovídio Rodrigues, deslocado a esta cidade por convite dos organizadores do convívio, em representação do Centro e portador de uma mensagem do Comandante da Unidade.

Confraternizou-se a bom nível, foram evocados momentos de preocupação e euforia, vividos no Quartel e em campanha, lembraram-se companheiros e superiores, e, como não podia deixar de ser, o momento alto do Encontro surgiu quando da saudação às Bandeiras — Nacional e da Unidade — após o minuto de silêncio guardado em memória dos «Comandos Ausentes».

Não podemos deixar de referir o cuidado que os organizadores deste Encontro puzeram na decoração da sala, sendo de destacar o trio de Bandeiras hasteadas sobre o Escudo dos Comandos, onde se lia destacadamente a divisa do Guião: A SORTE PROTEGE OS AUDAZES.

À Mesa presidiu o Capitão Ovídio Rodrigues, que foi ladeado por Ribeiro da Silva, Rui Jaime Fonseca, Rómulo Carvalhal (aqui presente após 600 kms. de jornada, via Cuando Cubango) Luís Alves, Júlio Rodrigues, Professor Valente e elementos da Imprensa escrita e falada.

Luís Alves leo o Código do Comando (curioso, o facto de quase todos os presentes, há muito na disponibilidade, ainda saberem de cor o lema da disciplina). Júlio Rodrigues usou da palavra em nome dos companheiros presentes para fazer afirmações de verdadeiro sentido patriótico, palavras que calaram fundo e foram basto aplaudidas.

Distribuídas algumas lembranças assinalando a data que se festejava, assistiu-se em seguida a uma manifestação de saudade, de extraordinário sabor e muito sinceramente expressa, sendo intérprete o comando António Diniz Lourenço.

Foi acontecimento, portanto, este I Encontro de Comandos na Disponibilidade. E Nova Lisboa, que também é berço de Heróis e àquela Unidade tem dado a melhor estirpe da sua descendência, assinalou condignamente o Aniversário do Centro de Instrução de Comandos de Angola.

FERNANDO BARÃO

CENTRO, 1 — AGRUPAMENTO OP., 3

GOLPE DE MÃO EM FUTEBOL!

O futebol foi uma partida excelente, no «DIA DOS COMANDOS». Jogaram as equipas do Centro e das Companhias estacionadas no Grafanil. Tarde interessante e inesquecível, pois, o Sargento França teve a ideia de convidar a Banda da Casa dos Rapazes de Luanda que no Estádio da Luz, digo do CIC, emprestaram animosidade impecável ao plélio. Assistência não faltou (era à borla!). No fim do jogo, que a equipa das Companhias operacionais venceu incontestavelmente, (a equipa do Centro ainda não vendeu o vaca!) foi entregue uma taça aos vencedores. Em opinião deste jornal, os vencidos deviam ter levado uma carecada, não por jogarem pouco, mas por terem jogado com a tal vaca. No dia seguinte, houve leite a mais ao pequeno almoço. Mas da parte técnica do jogo fala o Sargento Espínola (o nome é só ameaça; não tem nada a ver com,... etc). Prestem, pois, atenção ao crítico que, por acaso, treinou a equipa do Centro:

Jogo bem disputado, com jogadas de bom futebol de parte a parte. O 1.º golo do encontro pertenceu ao C. I. C., e foi apontado por Ramos aos 13 minutos com um pontapé forte e bem colocado. Até final o marcador não voltou a funcionar.

Na segunda parte os «homens do Grafanil vieram decididos a dominar a situação. E foi o que aconteceu pois logo aos 12 minutos apareceu o golo do empate, que teria sido mais cedo, não fosse a excepcional forma do guarda-redes do C. I. C. Luís Pereira, fintando tudo e todos, faz o 2.º golo do Grafanil aos 23 m. E é aos 39 m que a equipa do Grafanil impõe definitivamente a sua superioridade, batendo pela 3.ª vez o guarda-redes do C. I. C.. Daqui até final houve só que esperar pela derradeira «apitadela» do juiz da partida.

FAZENDA CUERAMA SARL

Pecuária

Caixa Postal,1378.LUANDA

AGÊNCIA DE VIAGENS **UNIÃO**

União Imobiliária e Comercial S.A.R.L.

Unimol

(FUNDADA 1933)

EXCURSÕES INTERNACIONAIS DE TURISMO • EXCURSÕES EM ANGOLA EM CARROS E AUTOCARROS PRIVATIVOS, CARROS DE ALUGUER SEM CONDUTOR • CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO. SEGUROS, SAFARIS FOTOGRÁFICOS DE CAÇA E PESCA.

AV. PAULO DIAS DE NOVAIS, 83 — P. O. BOX / C. P. 6534 — TELEG. «UNIMOBI» — TELEFONE: 72131-72467-72952 - TELEX-3174 UNIMOBI-AN — LUANDA-ANGOLA

DE PARA TODO O DE TODO O PARA

LUÍS JARDIM
um pintor satírico

... Se quisessemos arriscar uma síntese dos temas de Luís Jardim, acaso ela assim se poderia enunciar: o empioramento incessante do mundo, tal o sentido trágico, aliás, relutante ao patético, que se desprende das suas têmperas e gravuras.

«A personagem-tipo dessa sua série de obras é o homem-zero, expressão definidora do nosso tempo mecanizado. Todos os paroxismos dolorosos do mundo em que vivemos — se encontram simbolizados na obra de Luís Jardim.

(...) «Sátira do mundo mecânico? Que significam os cabalísticos engenhos, os caldeirões, os ganchos, as torres e os andaimes dos seus mavórticos castelos, as suas más caras-escudos? Porventura uma arte-aviso, da decepção, do malogro ... O que Luís Jardim insinua com uma teimosa monotonia (que ao fim e ao cabo se torna quase lírica) é o lado negativo da vida: a frustração».

Eis como Urbano Tavares Rodrigues se refere à obra de Luís Jardim, um pintor que viveu durante sete anos em Luanda e que obteve grande sucesso numa exposição que realizou o mês passado em Lisboa, na Galeria «Dinastia».

Luís Jardim nasceu em Lisboa em 1931. Fez o curso de pintura da Escola Superior de Belas-Artes e, em 1957, inaugurou a sua primeira exposição individual na Galeria Diário de Notícias, a que se seguiram outras na Sociedade Nacional de Belas-Artes, no Convívio da Faculdade de Direito, na Galeria Abril, de Madrid, e, por último, no Museu de Luanda, de que foi conservador de 1966 a 1970.

Colectivamente, expôs no Salão dos Independentes, nos Salões de Arte Moderna da S. N. B. - A., na Casa da Imprensa, na Faculdade de Ciências e no Instituto Superior Técnico, sendo incluído na Exposição Itinerante da Arte Portuguesa, organizada por Francisco Relógio, que percorreu algumas das principais cidades da América do Norte.

Em 1966, Luís Jardim partiu para Angola. Conservador do Museu de Luanda, montou uma exposição de arte portuguesa que englobou artistas de Siilva Porto e António Paulouro, percorrendo o território angolano, acompanhada de palestras e visitas guiadas.

Em Luanda, Luís Jardim promoveu uma série de conferências sobre termas de arte contemporânea, organizando um programa de rádio e colaborando nos principais jornais da província. A exposição que Luís Jardim realizou em Lisboa incluiu 17 desenhos inéditos, embora elaborados desde 1957 a 71.

A dominante dessas obras é uma sátira de carácter social. Como diz o pintor, «negam a aventura individual do homem, atacam a sociedade de consumo, o mundo da banda desenhada». Mundo pessimista, «céu fechado», como lhe chama o autor, a exposição da Dinastia dará conta do evoluir do pintor ao cabo de 14 anos de actividade.

«Vistas todas elas à distância, miniaturalmente, em seus ódios biológicos, em seus viscosos amores vasculares, sempre em cordão ou em pirâmide, essas personagens-formigas, morituras e impotentese, avultam menos pelo que possam esporadicamente significar de cólera, de dolo ou inveja, do que por um gesto permanente, embora disfarçado — de Sísifo. A humanidade de Luís Jardimé uma inconsciente Humanidade de condenados» — afirma Urbano Tavares Rodrigues.

«NO TEMPO DO REI DE PÉRGAMO NÃO HAVIA ALÇA TELESCÓPICA». 0,81 × 0,65 m. SONGO - JULHO - 72/LUANDA - JULHO - 73.
Acrílico sobre tela de Bonça.

LITERATURA ANGOLANA

«KLUNGA», DE LÍGIA GUTTERRES

A autora deste livro, «Kalunga», conhece bem a África. Fala, a escrever, daquilo que realmente conhece nos múltiplos cenários físicos, na idiossincrasia e atavismos dos negros, até nos seus sonhos e suas aventuras. Lígia Gutterres é na verdade uma escritora de temas africanos. Bem o prova através de «Kalunga» (Ed. da Parceria A. M. Pereira, Lda.).

Contém este volume três novelas e um conto. A primeira novela, que dá o título ao livro, descreve a vida do pescador negro Cacuto até ao encontro com o amor, que vem a perder levado por estranhas e misteriosas forças. A segunda novela, «Katioki», representa largo e expressivo trecho de vida de um caçador de coelhos, por processos primitivos, até que, tangido pela aventura, se afeiçoa a um cão, que também vai perder no assalto de um leopardo. A terceira, «Barco Parado», mais do que tudo testemunha, em sucessivos aspectos, a atracção e o tédio da vida íntima entre um branco e uma indígena. O conto, por seu turno intitulado «Um dos Onongano», é um delicioso trabalho poético, próprio para crianças e adultos, que afirma e confirma, plenamente, a posição poética que também a autora tem diante da vida.

O homem negro e os elementos, principalmente a água e a terra, aparecem em vivos, animados quadros, a que não falta o peso perseguidor da superstição e da feitiçaria. Tudo é descrito com vigor e beleza literária. Os movimentos do pescador e do caçador preenchem muitas páginas de verdadeira altura novelística. Lígia Gutterres tem enfim, neste livro, a confirmação de que segue pelo seu caminho e, se a tenacidade lhe não faltar, muito, muito mais longe poderá atingir.

DIA DE PORTUGAL

VÁRIOS FORAM OS «COMANDOS» QUE NO DIA 10 DE JUNHO FORAM DISTINGUIDOS POR ACTOS DE BRAVURA PRATICADOS EM COMBATE, E A TODOS ELES NOS REFERIMOS NO ÚLTIMO NÚMERO COM O DESTAQUE MERECIDO.

AO FURRIEL ESTEVES DA 24.ª C. C. QUE NÃO FIGUROU POR LAPSO, JUNTO DOS DEMAIS, APRESENTAMOS AQUI AS NOSSAS DESCULPAS.

Com o preço a fundo durante 200 Kms. uma olhadela ao manómetro... Perfeito! Com o novo MOBILOIL SUPER acabaram-se as baixas de pressão.
A sua viscosidade e o seu poder lubrificante mantêm-se adaptados a todos os esforços, mesmo prolongados.
Tacão e biqueira a 6.000 r.p.m. numa estrada de montanha.
O óleo MOBILOIL SUPER opõe ao desgaste a sua excepcional resistência.
MOBILOIL SUPER é o óleo dos esforços repetidos.

O novo MOBILOIL SUPER é garantia de máxima protecção em todas as condições de condução. Com o seu aditivo especial aumentador do índice de viscosidade (VI Improver), é produzido para as condições particulares de condução em Angola, dando ao seu automóvel, a máxima protecção.
MOBILOIL SUPER excede todas as recomendações dos fabricantes de automóveis.
Use MOBILOIL SUPER na próxima vez e veja pelo manómetro a sua diferença.

o seu carro precisa

Mobiloil super
com nova fórmula

AFRICA-MOB 5

ANGOLA - ALGUNS ASPECTOS ETNOSSOCIOLÓGICOS DAS SUAS POPULAÇÕES

Cap. Ovídio Rodrigues

DISTRIBUIÇÃO DOS LUNDA-QUIOCAS NO ESTADO DE ANGOLA

O GRUPO «LUNDA — QUIOCO»

(1)

Este grupo é essencialmente constituído por Lundas e Quiocos, com grande predomínio dos últimos. Descendentes, como a maioria dos povos do Nordeste, dos antigos Tutchokwe, este grupo englobou outros núcleos de maior ou menor importância, tais como os antigos Cassabis, Songos, Bapendes, Baquetes, Bacuafuias e outros núcleos que se encontram espalhados pelo distrito da Lunda.

No Moxico o grande assimilador foram os Quiocos, que assimilaram ao seu tipo de cultura os Luchazes e Luimbes.

Daqui para o Sul os Lundas desaparecem e apenas os Quiocos se prolongam, indo até ao Rio Cubango, chegando alguns grupos mais avançados até ao Sudoeste Africano.

Por aqui se vê o grande poder dinâmico dos Quiocos, que irradiam em todos os sentidos, cruzando-sce com as mais diversas gentes e difundindo-lhes a sua cultura. Actualmente excedem muito as fronteiras de Angola encontrando-se penetrações assimiláveis, no Ex-Congo Belga e na Zâmbia.

O Lunda-Quioco é de fraca constituição física embora muito resistente.

Para modelação do seu carácter e resistência à dor física, muito contribuem os ritos de passagem a que o Luanda-Quioco é submetido: No nascimento rodeiam-no de cuidados quase exclusivamente mágico-religiosos para que se desenvolva e robusteca; na adolescência perfuram-lhe os lóbulos auriculares (em franco desuso entre os homens), o septo nasal (também em declínio) e aguçam os dentes incisivos; na puberdade tatuam-no e sugeitam-no aos ritos puberdtários; atingida a idade adulta e constituída a família pelo casamento, mais se acentua a diferenciação entre as actividades do homem e da mulher, cabendo ao homem trabalhos violentos ou que exiiam perícia e à mulher os de enxada e criação dos filhos.

Chegada a hora da morte, sempre atribuída à feitiçaria praticada por um outro humano vivente, enterram-no consoante a sua posição social, tendo todos os que tiveram em contacto com o defunto de submeter-se a rituais purificadores, tanto mais rigorosas quanto mais íntimo tiver sido o convívio com o morto.

O Lunda-Quioco é profundamente supersticioso, achando-se toda a sua vida povoado de espíritos ou forças ocultas de que ele se socorre ou previne com feitiços e amuletos vários.

O indíviduo adquire nestas sociedades, uma importância superior àquela que o seu congénere nas sociedades de cultura adiantada. Esta importância parece ter origem em vários motivos entre os quais, a fraca densidade demográfica, pela elevada mortalidade infantil e pelas baixas causadas por fomes e epedemias que no decurso dos tempos têm assolado a África.

A mulher desempenha um papel fundamental na sociedade Lunda-Qioco. É tanto querida como temida: querida por dar vida-descendência e sustentáculo da família pela sua actividade no lar; temida pela ideia de perigo que assume quando das suas regras e por na menopausa ter uma capacidade receptiva e transmiss orade poderes maléficos e daí a frequência com que é apodada de feitiçaria.

Noutros trabalhos futuros, apresentaremos em pormenor, alguns aspectos aqui esquematizados e que fazem parte integrante deste grupo étnico, que pela sua importância, adquire um lugar de relevo nas sociedades angolanas.

NOTA: O presente trabalho foi elaborado a partir das seguintes obras:

— José Redinha: — Etnossociologia do Nordeste de Angola — Editora PAX

— Luís Augusto de Sousa — Sobre a mulher Lunda-Quioca (Angola) — IN: «Memórias da Junta de Investigação do Ultramar».

FRANÇOIS CEVERT

sol, mulher e água de coco

Sendo um dos mais populares corredores da Fórmula-1, *François Cevert* é também um homem do mundo. Frequenta os melhores lugares de Paris, tem amigos importantes e cultiva a sua imagem de galã com um certo sucesso, chegando mesmo a ser considerado um embrião de *playboys* — Ali Khan e Porfiro Rubirosa — morreram em acidentes de automóvel, coisa que não deve fazer muito bem a um corredor profissional.

Sua carreira começou por acaso. Ele era um bem sucedido jovem que se iniciava no ramo das confecções, escolhendo modelos e fazendas para diversas lojas de Paris. Mas seu sonho não era transformar-se num Dior ou num Balmain: um dia, encontrou um anúncio classificado no *Sport Auto:* era uma escola de pilotos que oferecia um *Alpine Renault Fórmula 3* para o melhor aluno do curso.

Cevert foi o melhor aluno e aos 23 anos, em 1967, tornou-se profissional do automobilismo. Mas sua estreia não foi espectacular o carro quebrou e le não tinha dinheiro para comprar outro. Penou bastante até conseguir capital que desse para um novo carro e no ano seguinte ganhava várias competições na Itália. A Tecno, de Bolonha, contratou-o em 1969. E em 1970 ele assinava outro contrato, desta feita com o Matra Team e o Tyrrel Team, Fórmula-1. Em 1971 vencia o Grande Prémio dos Estados Unidos e figurava entre os maiores pilotos do mundo.

— Apesar de ter tido muitas vitórias, meu maior sonho é vencer em Monte Carlo, justamente a pista que eu considero a mais difícil — diz ele. Ser o melhor piloto é como ser o melhor pianista. A pessoa tem talento ou não. Mas o importante é a prática, a experiência que só se adquire nas pistas, a 300 Km por hora.

Na hora da corrida, François Cevert, tal como Stewart, é um homem sério. Mas gosta da vida boa. E de mulher.

Por isso mesmo, o automobilismo é uma carreira séria, que envolve muitos riscos e sacrifícios. Não se pode fumar nem gastar as noites em claro. O trabalho exige uma vida metódica, sadia, quase monástica. François Cevert, nega que seja um **playboy**:

— Talvez eu tenha o físico, mas não a intenção. Evidentemente que gosto de sair com mulheres bonitas, mas coloco a minha carreira em primeiro lugar. O que distingue um **playboy** é que leva uma boa vida sem trabalhar. Ora, se há coisa que eu faço é trabalhar. Muita gente pensa que correr nas pistas é uma rotina, mas esquece-se que cada prova é uma estreia. O carro, por exemplo, tem a mesma carcaça por fora, mas é sempre inteiramente novo, em todos os seus parafusos. Por causa disso, temos de aprender a guiá-lo, a tirar dele as suas potencialidades.

Tendo ganho um Grande Prémio (EUA), Cevert é o corredor francês mais importante da actualidade. — Infelizmente, ainda não sou o maior do mundo. Mas o objectivo de minha vida é ser campeão. Admiro as pessoas que vencem, como Howard Hughes. Depois de ser campeão uma, duas ou três vezes, talvez me interesse por outras coisas. Mas agora o meu destino é a pista, o **pódium** de campeão. Não se trata de uma simples emoção, pois durante a corrida quase se tem emoção alguma. Os sentidos estão atentos apenas ao volante, na direcção do carro Em dias de chuva, a gente não vê nada, pois o óleo que sobe da pista suja a nossa viseira. Nós guiamos pelo ouvido, por um radar invisível que tem de acertar sempre.

Solicitado frequentemente para fazer cinema, Cevert recusa todas as propostas:

— O meu tempo é totalmente dedicado às corridas. O que me sobra, gasto com as mulheres. Não é fácil conquistar-me. A mulher tem de ser linda e não causar problemas. No mais, creio que elas gostam de estar ao meu lado. E nisso reside toda a minha injustificada fama de **playboy**.

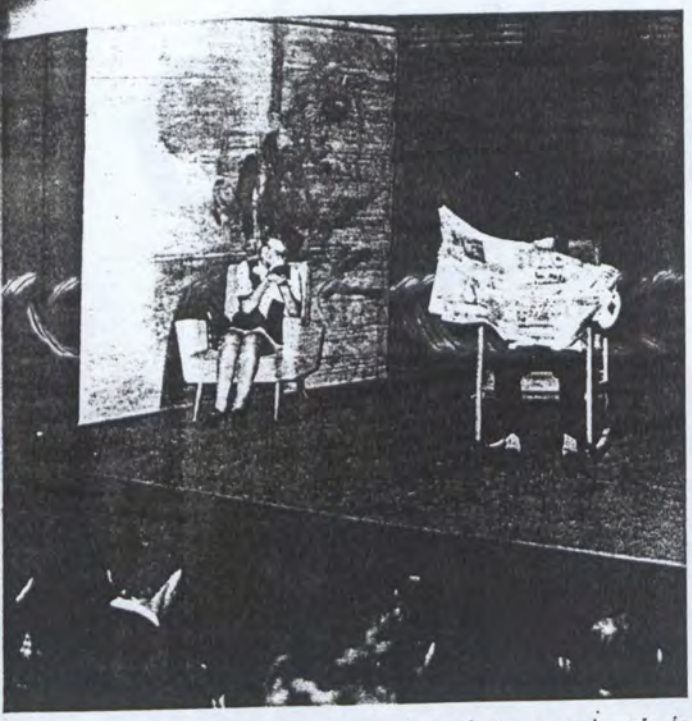
BANCO COMERCIAL DE ANGOLA

o banco da passada larga.

Somos efectivamente
um Banco de passada larga.
De passada firme.

BCA ANGOLA BCA

trabalhamos no presente á escala do futuro



Teve muita repercussão no meio artístico e cultural de Luanda a inauguração do Teatro de Bolso do Clube de Teatro de Angola, realizada no fim do mês passado. Na foto vê-se um momento de uma das peças apresentadas, «O cavalo do caval(h)eiro», do espanhol Carlos Muñiz, na qual intervêm Eunice Cid e José Cortez. A outra peça foi «Histórias para serem contadas», do argentino Osvaldo Dragun. A encenação esteve a cargo de Manuel Alberto Valente, tendo também colaborado na interpretação José Eduardo, Isabel Maria, Rui Monteiro, Vasco Teixeira e Vicente Batalha.

Cena da peça de Yves Jamiaque «D. Quixote» que será apresentada no próximo mês de Agosto em Luanda pelo Teatro Experimental de Cascais.

CINEMA EM RETROSPECTIVA

Como era de esperar, as últimas semanas foram de relativa pobreza no que respeita à exibição cinematográfica em Luanda.

Julho é sempre o mês dos «Festivais de Êxitos — chamemos-lhe antes «festivais monetários» visto que, ao contrário do que se faz em Lisboa, são apresentados com os mesmos preços de estreia — e, portanto, os outros cinemas não fazem muitos esforços para melhorar a qualidade da sua programação, dado que há sempre gente a querer coisas novas (sejam quais forem) e é com esses que as bilheteiras se governam.

ESTÚDIO

Com qualidade é indubitavelmente o que apresenta melhor programação, se bem que um tanto ou quanto fora dos gostos da população luandense, que vai ao cinema para se divertir, sobretudo.

Fiel à linha traçada no início — os melhores filmes dos melhores autores — apresentou ultimamente a obra-prima de Carlos Saura «A caça», a primeira obra de Roman Polanski «A faca na água», e está a apresentar «A doce decepção» de Edouard Molinaro, que estreou em território português.

MIIRAMAR E IMPÉRIO

Ambos iniciaram os seus «Festivais de Êxitos». Interessante foi o filme que o Império apresentou antes, «Verão 42», e excepcional era çAcima de qualquer suspeita», de Elio Petri. uma meditação sobre o poder e a política de muita oportunidade.

RESTAURAÇÃO

Após um interessante filme que ninguém quis ver, «O caçador de bruxas», teve enorme êxito «Aventura é aventura» de Claude Lelouch. Era merecido. É uma sátira bem condimentada e de extrema acuidade. Depois foi «Casamento à espanhola», de Luis Berlanga, um humor negro espanhol que quase era uma obra-prima, mas acaba por ser uma película falhada.

AVIS

Despertou muito êxito o «X, Y & Z» de Bryan G. Hutton, em que Elisabeth Taylor se revelava, enfim, uma esplêndida actriz. Depois, o «Doce Engano», de Roberto Faenza, apesar das suas qualidades liibelatórias contra a tecnologia actual, acabou por ser um fiasco.

VELADA

A noite toda
deitado ao pé
de um companheiro
massacrado
com a sua boca
rangendo à lua
com a congestão
das suas mãos
penetrada
no meu silêncio
escrevi
cartas cheias de amor

Não me senti
nunca
tão agarrado à vida

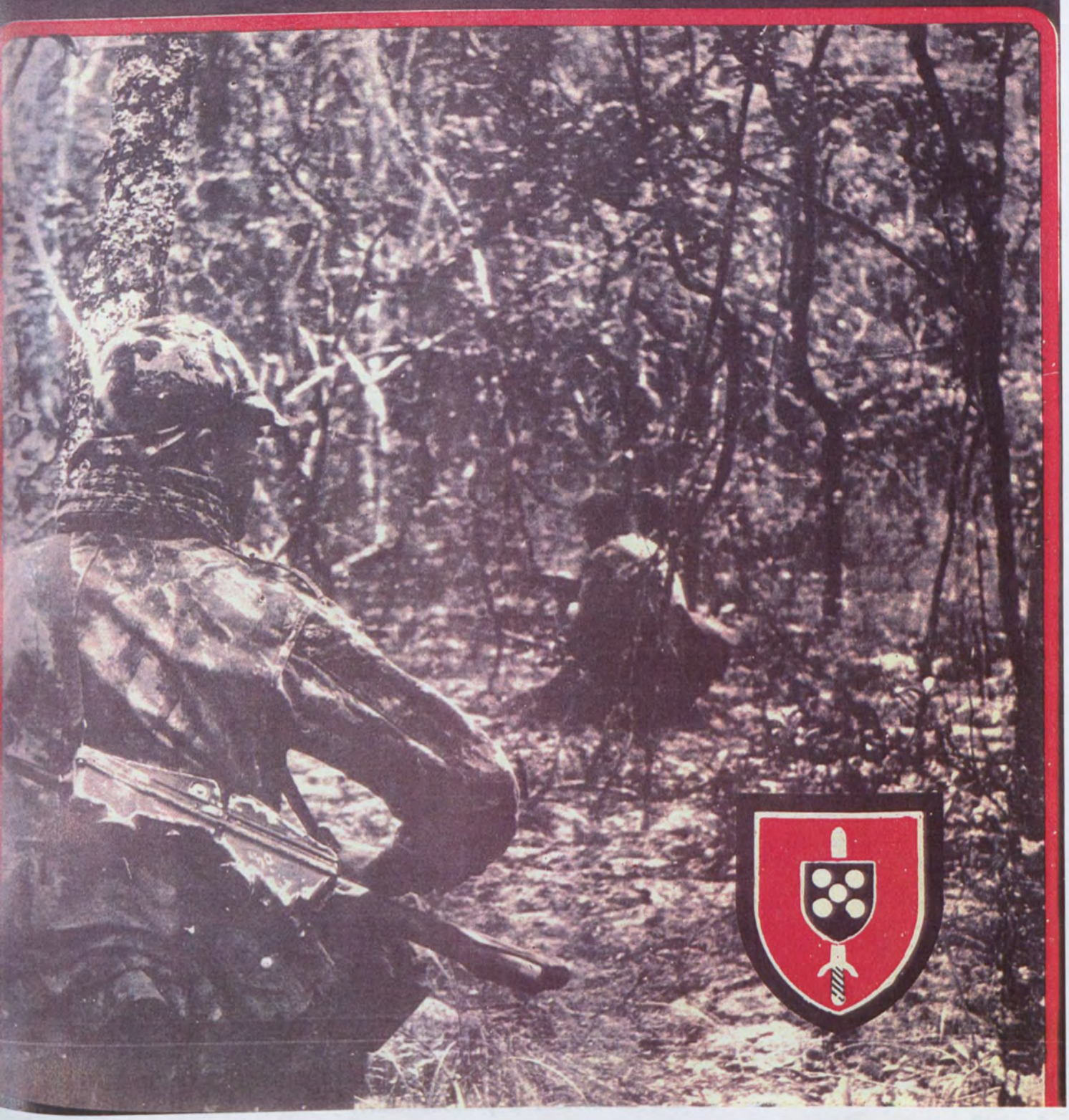
GIUSEPPE UNGARETTI

EXORTAÇÃO

Meu filho! erque as mãos e ora pela Pátria
Reza no túmulo dos Heróis que te deixaram liv
A terra sacrossanta onde poisou teu berço
—(O riacho que corre,
A árvore que te dá sombra,
A casa em que nasceste
—Altar do culto da Família).
Escuta: ouve o bater das vagas de Sagres;
Vê o cachoar de espuma do Promontório...
E reza. E ama. E luta
Para que ela seja grande e nobre e linda.
Imola-lhe teu sangue e tua dor
Para que brilhe numa paz infinda.
Para que seja cada vez maior.

FERRAZ DA MOTA

COMANDOS

Director: COMANDANTE DO C.I.C.

ANO I — AGOSTO 1973 — N.º 5